

PalavrAr-te entrevista a artista e estudante da EBA, Gravadora Amadora.

http://146.164.63.47/alexandria_wp/category/projeto/palavrarte/

Publicado em 18 de agosto de 2020.

Nesta entrevista, Gravadora Amadora apresenta sua percepção sobre produção artística e sobre como a arte pode levantar discussões acerca de temas como negritude, pertencimento, representatividade e empoderamento. A artista fala também do papel didático e dinâmico de suas oficinas que, além de promoverem impacto e identificação no público, realimentam sua própria obra.



PalavrAr-te: *Quando você iniciou o curso na EBA?*

Gravadora Amadora¹: Iniciei em 2017.1. A gente até demorou um pouco a começar o semestre, porque em 2016.2 teve o incêndio [na EBA] e o semestre letivo se iniciou já quase em abril.

PalavrAr-te: *Como foi o seu processo de familiarização com a técnica da Gravura?*

Gravadora Amadora: Meu processo se deu somente quando, de fato, cheguei no ateliê. Isso demorou uns dois ou três períodos. Até então, eu ia só às aulas teóricas e fazia gravura experimental com isopor.



Sem Título, 2018.

PalavrAr-te: *A gravura com isopor ainda aparece nos seus trabalhos atuais?*

Gravadora Amadora: Hoje eu mesclo um pouco entre produzir a isogravura — que é essa gravura com isopor — e a xilogravura. Mas meus últimos projetos são em xilogravura. Em termos técnicos elas são aplicações bem diferentes.

PalavrAr-te: *A gente queria muito saber se elas foram as técnicas de gravura que contribuíram mais com a estética com que você se identifica ou se foram as técnicas que mais favoreceram os recortes temáticos que você propõe no seu trabalho.*

Gravadora Amadora: Tem um pouco dos dois aspectos. De início, eu pensava só em produzir a isogravura para fazer meus recortes temáticos, mas, com o tempo, vi que as próprias ranhuras da *xilo* conseguiam me dar a estética e o conceito que eu queria passar. Hoje posso dizer que eu uso a xilogravura, ao mesmo tempo, por me identificar com a técnica e também pela proposta temática dos meus trabalhos.

¹ A estudante Jennifer Reis é conhecida pelo pseudônimo *Gravadora Amadora*.

PalavrAr-te: *Você oferece oficinas de arte. A experiência que elas trazem para você impacta na forma como você trabalha e produz?*

Gravadora Amadora: Sim. Através das oficinas, eu percebo uma relação de identificação e descoberta que acaba dinamizando meu trabalho. Consigo fazer recortes melhor pensados partindo das reações que o trabalho provoca nas pessoas. Na maioria das vezes, o meu público das oficinas são jovens e crianças negras e periféricas, os mesmos que estão, muitas vezes, dentro dos meus recortes temáticos. Em uma das oficinas que dei no ateliê aberto da UFRJ — onde tive contato com alunos do ensino médio descobrindo o espaço universitário — consegui mostrar a minha temática e o que é a gravura. Isso gerou muita identificação entre os jovens. Nas minhas oficinas, quando me falam que não sabem desenhar, eu logo deixo claro que eu também iniciei o curso sem saber desenhar e, através da experimentação, fui evoluindo e engrandecendo meu trabalho tecnicamente.



LADO A LADO, 2019.

PalavrAr-te: *Então, produzir com essas técnicas (xilogravura e isogravura) adiciona informações para os temas que você aborda?*

Gravadora Amadora: Adiciona bastante informação, sim: elementos estéticos, técnicos ou conceituais mesmo. Isso acontece principalmente com a xilogravura, porque o processo da gravação revela muito a força que eu faço para produzir. A gravação é brutal, especialmente, quando eu uso madeira. A união da estética da xilogravura com as gravações da goiva, geram contrastes de gravações mais fortes com gravações mais finas; geram ao mesmo tempo oscilações de emoção e de técnica. Isso é muito compatível com os meus recortes temáticos, que costumam ser *pesados* — no sentido de serem polêmicos.

Eu sempre levanto questões sobre a negritude ao longo da história, e confronto certos aspectos que levam a questionamentos.

PalavrAr-te: *Isso é muito interessante. Você acha que o seu trabalho e as discussões que ele propõe alcançam as pessoas, dentro e fora da faculdade, e faz com que elas se sintam representadas?*

Gravadora Amadora: Sim, e isso me deixa muito feliz. Antes de mais nada, eu vejo meu trabalho e a arte em geral como comunicação visual de impacto. Eu capto as pessoas através da imagem e, através da temática, eu consigo passar alguma contação, alguma narrativa. Justamente por fazer recortes étnicos e de gênero, eu levo representação, levo discussão, levo confrontos e implanto um pontinho de questionamento. Isso, antes de tudo, é o meu objetivo: levar não só representatividade, mas também o questionamento e o afrontamento.

PalavrAr-te: *Nos espaços onde você apresenta sua produção, você sente a construção de um diálogo relevante entre o público e o objetivo do seu trabalho?*

Gravadora Amadora: Sim, eu percebo bastante isso. Isso vai me motivando cada vez mais a tentar uma comunicação direta e objetiva, mas que seja ao mesmo tempo dinâmica e didática, tendo em vista que, normalmente, os temas abordados são muito delicados. Percebo que geram reflexão, e nem sempre é uma reflexão que eu tinha planejado como objetivo. A pessoa olha e, através do próprio olhar e vivência, surge uma outra percepção para além daquela que eu queria mostrar, às vezes, totalmente diferente daquela que eu queria passar.

PalavrAr-te: *Poderia dizer que as reflexões que seu trabalho propõem alcançam um público que, talvez, não tivesse tido contato com essas conversas e confrontos?*

Gravadora Amadora: Em alguns momentos, sim, o que é muito gratificante para mim. Mas eu também, não teria tido contato com determinadas conversas e confrontos se eu não tivesse passado por determinados lugares, incluindo a UFRJ. Eu não gosto muito de usar a palavra, *oportunidade*. Mas, hoje, tendo a *oportunidade* de estar onde estou, quero mostrar para os *meus* que a UFRJ é um lugar para todos. Isso se torna cada vez mais motivador para que eu continue trazendo essas contações e narrativas.

PalavrAr-te: *É muito bom que o seu trabalho tenha alcançado espaços de maior projeção. Você acha que isso dá abertura para que outras experiências possam ser identificadas e fiquem mais próximas de sua produção?*

Gravadora Amadora: Sim, é uma troca, sempre. Seja em uma exposição no hall da reitoria, seja em uma oficina que eu ofereço em uma comunidade, surgem sempre novas temáticas e trocas que são essenciais para minha produção. Eu não só levo uma mensagem, mas também recebo muitas, e algumas posteriormente se tornam trabalhos.

PalavrAr-te: *Em relação ao alcance da sua arte, quais são as suas expectativas para o futuro?*

Gravadora Amadora: A ideia é que cada vez mais eu consiga alcançar outras pessoas de diferentes realidades e que elas sejam empoderadas pela minha arte. Enxergo a representatividade como empoderamento de pertencimento e de validação de existência. Meu objetivo é que isso se perpetue e se torne uma corrente: que essas pessoas empoderadas possam usar os seus canais de voz para empoderar outras e assim sucessivamente.

PalavrAr-te: *A partir da relação que você foi tendo com a gravura, você percebe que surgiu em você uma linha de pensamento consciente ou os assuntos vão se esbarrando uns nos outros?*

Gravadora Amadora : É um pouco dos dois. No início, eu não tinha muita noção de qual era minha linha de pensamento. Na verdade, eu não tinha a menor consciência dos temas, era tudo bem inconsciente. A temática abordada e as coisas que eu fazia vinham sempre naturalmente, através da minha vivência e experiência enquanto mulher negra dentro da UFRJ e dentro de todo esse contexto social. Até que, um dia, imprimindo uma gravura, esbarraram em mim e falaram: “Caramba, esse seu trabalho é muito forte!” Foi aí que eu enxerguei a potencialidade dele. Essa fala me deu potência diante do meu trabalho em geral. Consegui identificar uma voz muito forte dentro de mim, e assim foram surgindo outros trabalhos mantendo essa linha de pensamento. Hoje, posso dizer que muitos assuntos se esbarram mas eles sempre permeiam o mesmo tema de corpos negros.

PalavrAr-te: *As séries de trabalho que você faz se constroem numa narrativa ou seguem a ordenação de elementos visuais parecidos que estão presentes em cada um deles?*

Gravadora Amadora: Em geral, sigo a construção de uma narrativa, mas em alguns trabalhos acaba que, além da construção de uma narrativa, aparecem elementos visuais parecidos.

PalavrAr-te: *Nessas narrativas, você trata de experiências passadas ou cotidianas?*

Gravadora Amadora: Eu busco falar mais do cotidiano, envolvendo corpos negros. Mas entram também narrativas e contações de histórias passadas — como uma série que tenho, chamada *Resistência Santificada*, que fala sobre Dandara, Teresa de Benguela e Anastácia. Nessa série faço uma resignificação da contação dessas mulheres. Em outros trabalhos, eu



Resistência SANTIFICADA, 2019.

faço uma narrativa que aborda o erotismo do funk. Esse tipo de narrativa cotidiana é marginalizada por tematizar corpos negros.

PalavrAr-te: *Durante o processo de produção você se depara com erros e falhas? Como você lida com isso?*

Gravadora Amadora: Bastante. A gravura passa por diversas etapas. Quando eu gravo, eu tenho o olhar sobre a matriz, sobre a imagem que eu estou produzindo. Mas quando eu imprimo é totalmente o contrário, porque eu tenho a reflexão da imagem. Na gravura, os “consertos” vêm muito a partir de “posso abrir aqui e ali”. A gravura ensina muito a lidar com esses *erros* que engrandecem a técnica e a nossa experiência.



(IN)VISÍVEL, 2019.

Quando eu estava aprendendo a desenhar, *errar* era muito frustrante, mas eu fui entendendo que *faz* parte do processo. Se eu não faço uma impressão de teste e vou cavando, quando eu imprimo pode ficar totalmente diferente do que eu esperava enquanto resultado. Aí poderia ser um erro, mas quando escolho olhar de uma outra forma, pode virar um acerto. A gente não pode se apegar a essas falhas, porque elas estão aí. Na marra mesmo, eu fui aprendendo a lidar com esses ditos *erros*, e a crescer e evoluir com eles. Até porque, na gravura, não existe processo de reversão. Ou eu aprendo a lidar

com os erros ou vou ficar me frustrando sempre, achando que não está bom, se não estiver exatamente dentro do resultado que eu esperava.

PalavrAr-te: *Você começou a trabalhar com a pintura desde o início do curso de Gravura na EBA?*

Gravadora Amadora: Não, comecei com a gravura, que tem uma ranhura muito forte que você vê na impressão através da pressão manual. Depois fui buscar na pintura uma forma mais singela e delineada de fazer algumas representações. Comecei não exatamente no início da faculdade, foi mais a partir do 4º período, no fim do segundo ano, quando eu já tinha mais experiência com desenho e me sentia mais segura para abordar novas linguagens e técnicas.

PalavrAr-te: *O seu trabalho, A arte nega a arte negra? se estende para espaços públicos. Isso também faz parte da forma como ele se constitui?*

Gravadora Amadora: Na verdade, ele surgiu de uma feira, em tese, um evento público: a *ArtRio*². Mas logo no primeiro dia, teve ações racistas por parte dos produtores e dos seguranças do evento por conta de uma intervenção onde escreveram “negro” no *stand* do Maxwell Alexandre. A própria produção do evento mostrou que era racista e não estava aberta a um artista fora do circuito que trazia uma linha de produção sobre a qual eles não entendiam.

Comecei a me questionar sobre o quanto a arte contemporânea é elitista e segregadora ao se tratar de negros dentro do campo das artes, dentro desse espaço que se diz *aberto*. A arte nega a arte negra? A partir desse questionamento, eu comecei a brincar com a tipografia³ e criei um cartaz. Durante o evento, decidi que em nenhum momento eu tiraria foto das obras, mas sim posaria em frente delas com esse cartaz, como uma forma de intervenção ao ato racista do dia anterior.

² Feira de Arte Internacional do Rio de Janeiro que reúne galerias e artistas nacionais e internacionais nos armazéns do Pier Mauá. A artista se refere à ArtRio 2019 (nona edição do evento).

³ Escrita, composição e impressão do texto.

a arte negra a arte negra?
a arte negra a arte negra?
a arte negra a arte negra?
a arte negra a arte negra?

A ARTE NEGA A ARTE NEGRA7, 2019.

Em uma outra instalação no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo — numa exposição chamada *Raiz Comum* —, eu montei uma parede toda com esse cartaz *A arte nega a arte negra?* e em determinados pontos da cidade do Rio de Janeiro, eu venho colando esses “lambes”⁴. Constantemente a gente se depara com diversas intervenções pela cidade, sejam elas grafites, até mesmo outdoors e lambe-lambes. Eu resolvi desdobrar dessa maneira para alcançar mais pessoas. Mas, eu não me identifico quando eu colo fora de espaços de exposição, porque a ideia não é trazer a identificação, só o questionamento.

PalavrAr-te: *Por fim, como você vê o seu corpo e o seu trabalho? Que lugar que eles ocupam e como eles estão presentes na universidade?*

Gravadora Amadora: Basicamente, vejo meu corpo e meu trabalho dentro da Escola de Belas Artes da UFRJ como resistência total. Até porque o curso de Gravura não exige só em termos de tempo, mas também do lado mental e do financeiro. Em determinado momento, eu precisei dividir meu tempo entre estudar e trabalhar, e a exigência não mudou. É principalmente uma resistência contra o próprio sistema opressor, que não quer que a gente ocupe esses espaços e levante questionamentos. Muitas coisas têm mudado, sim. Porém, para o sistema estrutural racista em que a gente vive, é um afronte eu — mulher negra e periférica — estar dentro da escola de Belas Artes da UFRJ, produzindo uma arte ativista

⁴ Lambe-lambe: técnica que utiliza cartazes/pôsteres fixados em espaços públicos.

como a minha que aborda corpos negros, alcança essas pessoas e as leva à reflexão. É resistência.

Para além de resistência, vejo como representatividade. Quando eu entrei, eu era uma das poucas — se não a única — aluna negra entre diversas disciplinas que eu fiz. Eu sempre tentava buscar uma representatividade e não encontrava. Hoje,

o que pode definir o meu corpo dentro desse espaço é resistência e representatividade.



A ARTE NEGA A ARTE NEGRA?, 2019.

Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2019.

Contato da artista:

<https://www.instagram.com/gravadoraamadora/?hl=ru>

PalavrAr-te: Paula de Souza (graduanda em Artes Visuais/Escultura da Escola de Belas Artes da UFRJ), Mônica Santos (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ), Anna Beatriz Jordão (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ) e Hanna Hsu (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ).

Supervisão de texto: Aniela Improta França.
